

Encontros Desiguais: convivendo nas fronteiras

Antonio Giovanni Boaes Gonçalves, Kiune Bezerra Ribeiro, Lucas de Lima Cavalcanti Gonçalves e Rogério Galdino Trindade



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2806>

DOI: 10.4000/pontourbe.2806

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Antonio Giovanni Boaes Gonçalves, Kiune Bezerra Ribeiro, Lucas de Lima Cavalcanti Gonçalves e Rogério Galdino Trindade, « Encontros Desiguais: convivendo nas fronteiras », *Ponto Urbe* [Online], 17 | 2015, posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2806> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2806

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Encontros Desiguais: convivendo nas fronteiras

Antonio Giovanni Boaes Gonçalves, Kiune Bezerra Ribeiro, Lucas de Lima Cavalcanti Gonçalves and Rogério Galdino Trindade

Introdução

Há algo de errado nesse quadro: nele não há seres humanos...

William Foote White

- 1 No Brasil, a divisão socioespacial das cidades não é absoluta quanto à separação de pobres e ricos no que diz respeito ao lugar de habitação. Apesar da existência dos guetos, de um lado, e dos “enclaves fortificados” (CALDEIRA 2011) de outro – exemplos ideais de segregação espacial – a existência de bairros de pobres e bairros de ricos vivendo lado a lado, é um fenômeno recorrente, cujo exemplo típico visualiza-se nas “favelas” do Rio de Janeiro. Este tipo de vicinalidade que coloca em jogo a assimetria de posições sociais é problemático, porém passível de adaptação, e que com a lente da sociologia das relações de poder de Norbert Elias, pode ser vista como configuração social na qual os indivíduos, ao mesmo tempo, estão separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Às classes altas que se obrigam à convivência diária com aqueles que julgam “inferiores”, custa-lhes caro a convivência. Visto por outro ângulo, a situação também não é confortável aos que se encontram do outro lado. Em suma, tanto para uns quanto para outros a coabitação é conflituosa. Neste terreno tenso da convivência, a

separação objetiva-se pelas fronteiras. E como diz Lask (2000:21) “pode-se afirmar que não existem fronteiras lineares, mas sim zonas fronteiriças, em que diferentes identidades se constituem à medida que se cruzam no cotidiano”. Tomando de empréstimo alguns insights de Barth (2000), dizemos que assim como ocorre com os grupos étnicos, na situação que envolve a coabitação do tipo a que este artigo se refere, a questão da manutenção das fronteiras, ou daquilo que as sustenta, ou seja, a distinção, não é esforço apenas dos que se encontram nas posições privilegiadas da escala social; os menos favorecidos também operam os mecanismos de separação. E o cotidiano, fruto da convivência, é a principal arena onde a distinção e as fronteiras se atualizam.

A observação feita por Barth sobre a natureza da fronteira entre os grupos étnicos, é aqui bastante pertinente. Elas

são evidentemente fronteiras sociais, ainda que possam ter contrapartida territorial. Se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com outros, disso decorre da existência de critérios para determinação de pertencimento, assim como as maneiras de assinalar este pertencimento ou exclusão (BARTH 2000, p. 34).

Não se trata exclusivamente de critérios objetivos tais como as condições econômicas que caracterizam os grupos de vizinhos ricos e pobres, mas envolve, como veremos, uma economia do sentimento, do simbolismo e do pertencimento que define o “nós” e o “outro”, ou para usar a linguagem de Elias e Scotson (2000), liga e separa “estabelecidos” e “outsiders”.

A partir destas proposições, queremos falar de um exemplo de situação em que pessoas “pobres” e “ricas” obrigam-se à convivência diária por causa da proximidade de seus bairros. Trata-se de dois bairros localizados na cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba: Manaíra e São José. O primeiro habitado por segmentos das classes médias e altas, e o segundo, predominantemente de classe popular, também chamado favela. Aos primeiros nos referiremos como estabelecidos e aos segundos, *outsiders*.

Há em questão uma tendência generalizada pela qual os moradores de Manaíra consideram os de São José perigosos, porque para aqueles este bairro abriga muitos criminosos, traficantes e pessoas de má reputação. Nas casas e prédios de apartamentos em Manaíra, a proteção é redobrada, especialmente nas zonas fronteiriças, exemplificando bem a chamada “estética da segurança” apontada por Caldeira (2011). A atenção quanto à violência, volta-se para o bairro São José, pois ele aparece como a principal fonte dos problemas de Manaíra.

Quem mora no São José, constrói uma imagem de si mesmo transbordada pelo preconceito, que em grande parte reproduz o que pensa deles a “boa sociedade” (ELIAS e SCOTSON 2000). Neste sentido, é bom lembrar que “a imagem do nós e o ideal do nós de uma pessoa fazem parte de sua auto-imagem e seu ideal do eu tanto quanto a imagem e o ideal do eu da pessoa singular a quem ela se refere como ‘eu’” (ELIAS 2000: 42). Diz Elias que ao se dizer “sou mexicano”, “sou irlandês” etc. subentende ao mesmo tempo uma imagem do eu e uma imagem do nós. Neste sentido, tratando-se de grupo estigmatizado, é pertinente perguntar quais os efeitos que a afirmação “moro no bairro São José” pode ter em situações de interações sociais assimétricas ou mistas, presentes numa configuração que envolve dois lados muito distintos da escala social. O emprego pretendido, amizades, namoro, definitivamente estão fadados a não acontecer se o postulante carregar o estigma de morar no bairro São José. Uma “maldição social” se abate sobre eles, vivida como marcador social da diferença. E não é por acaso que ter vergonha do lugar onde

vivem, “porque é sujo, de pobre, porque é discriminado”, seja fato recorrente entre eles. Em decorrência, a vergonha leva à dissimulação, ou ao silenciar-se quanto ao local de residência, o que, também pode levar ao silenciamento de suas identidades.

- 7 A “sujeira” que marca o bairro São José, tal como é percebida pela “boa sociedade”, e sentida e vivida pelos estigmatizados torna-se motivo da aversão que os moradores de Manaíra sentem contra seus vizinhos. Sujeira que não é simplesmente material, mas acima de tudo, estética, moral, simbólica. É a sujeira enquanto poluição a qual se refere Douglas (2014). Como diria Elias, a “sujeira” faz parte do jogo de poder, como fantasia emotiva que alimenta a imagem do nós e carisma grupal dos estabelecidos, ao passo que estigmatiza e deprecia o grupo dos *outsiders*. A “sujeira” transmuta-se em medo, nojo e vergonha. Nojo, porque as casas são construídas às margens de um rio sujo, sem padrão estético definido. Ou porque em determinados pontos do bairro falta saneamento básico. E a água suja do rio Jaguaribe invade as casas em época de chuva. Medo, porque o bairro é reduto de ladrões, assaltantes, traficantes, viciados, assassinos, desocupados, mendigos e todo tipo de “execrados sociais”. E ainda que se saiba que no bairro também há trabalhadores, “pessoas de bem”, “famílias honestas”, prevalece o argumento do tipo *pars pro toto*. Mas nenhum desses motivos concretos, higiênicos, insalubres, quantificados em número de mortes, prisões, apreensões ocorridas no bairro, teriam muita importância se não lhes precedesse outro mais geral e hipervalente: o medo da poluição anômica que se associa aos estigmatizados. Simbolicamente em todos seus moradores reside perigo, ainda que apenas alguns deles pratiquem atos criminosos. Em segundo lugar, a proximidade com Manaíra acaba potencializando a periculosidade do Bairro São José, e a ameaça que representa à “boa sociedade” enleva seus estigmas. Na configuração que formam os dois bairros, cada parte, se não recebe totalmente seus significados do vínculo emocional que se estabelece entre elas, mas certamente dele extrai parcela importante dos elementos que alimentam suas imagens, a distinção e as fronteiras. Se o Bairro São José não estivesse próximo ao Manaíra, seria apenas mais um bairro de pobres, e Manaíra seria apenas mais um bairro nobre da cidade entre os demais, e é nisto que se deixa ver a existência da configuração. A situação de vizinhança acaba interferindo nas definições de si e do outro para os moradores de ambas as partes.
- 8 Em suma, entre os dois bairros, a distinção que os separa socialmente, reforça-se como fronteira enquanto uma “barreira emocional” (ELIAS e SCOTSON 2000; ELIAS 1994). Seu principal elemento é o medo da poluição, da infecção “anômica”. Contudo, esta barreira não serve para isolar ou impedir os contatos e encontros, funciona como um móvel importante para manter a distinção na convivência, reproduzindo as fronteiras no fluxo e refluxo cotidianos de seus moradores.
- 9 Considerando-se a situação delineada acima, este artigo tem por objetivo refletir sobre a forma de convivência entre pessoas de classes sociais diferentes, a partir de seus encontros face-a-face. Tratando de situação semelhante, Elias e Scotson (2000) analisam as relações entre dois grupos habitantes de uma comunidade inglesa – ficticiamente denominada Winston Parva –, em que um considera inferior o outro grupo. Os dois grupos pertencem à mesma classe social, no entanto, a desigualdade entre eles é legitimada pelo fato de um deles ser mais antigo que o outro naquele local. Diferentemente, o caso que colocamos em pauta, revela uma configuração fortemente respaldada pelas diferenças de classe. É a partir de seus marcadores sociais que os moradores de Manaíra se enxergam como superiores aos moradores do bairro São José. Vivendo lado a lado, estas pessoas inevitavelmente se encontram, interagem, precisam umas das outras. Estes encontros são

pretextos para pensarmos sobre como se “tratam” pessoas “pobres” e pessoas “ricas” quando são obrigadas à vicinalidade.

- 10 Esta pesquisa se iniciou em 2010¹, e tem contado com o incentivo do CNPq e da UFPB por meio da concessão de bolsas de iniciação científica aos alunos envolvidos. Foi interrompida por algum tempo, tendo sido retomada em 2014. O que tentamos apresentar neste artigo é um esboço dos resultados alcançados até agora. Tendo como foco principal o que estamos chamando de “encontros desiguais”, implementamos seis planos de trabalho dentro do mesmo projeto: 1) estudo exploratório sobre a convivência entre os moradores dos dois bairros, procurando apreender as representações de si e do outro que ambos os lados manifestam, identificando os tipos e motivos de encontros desiguais; 2) etnografia de escolas públicas em Manaíra que atendem prioritariamente alunos do bairro São José; 3) o uso dos espaços de lazer e sociabilidade localizados em Manaíra por moradores do São José; 4) a convivência nos espaços religiosos dos dois bairros; 5) o projeto da prefeitura de João Pessoa de remanejamento de moradores de áreas de risco do bairro São José para unidades habitacionais em Manaíra. Para a realização dos planos foi necessário frequentar os dois bairros, entrevistar moradores, buscar informações em delegacias, órgãos midiáticos (jornais, internet, televisão), institutos oficiais (Ideme, IBGH, Prefeitura de João Pessoa), igrejas, escolas, praças, praias, shoppings etc. Foram realizadas em torno de 90 entrevistas semiestruturadas, cujas grades variaram conforme o objeto em foco. Além disso, as notas de diário de campo foram fundamentais, enriquecidas com fotografias.
- 11 Como categoria central, e ponto de partida, chamamos de “encontros desiguais” os tipos de encontro que colocam atores, ocupantes de posições/situações sociais desiguais, em situações cotidianas de interação face-a-face. Esta definição mantém semelhanças com o que Goffman (1980: 22) chama “contatos mistos”, ou seja, “momentos em que os estigmatizados e os normais estão na mesma ‘situação social’, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa, quer na mera presença simultânea em uma reunião informal”. O apanhado de Goffman é importante para se compreender o fenômeno em foco, contudo, na perspectiva que se adota nesta pesquisa, o estigma não é uma condição *sine qua non* para estabelecer o quadro de um encontro desigual. Este pode se manifestar por meio de marcadores sociais da diferença, que necessariamente não se constituem *stricto sensu* um estigma no sentido de “anormalidade”. Este ponto de partida acabou se desdobrando para as formas de convivência e representações que os moradores dos dois bairros fazem de si mesmos e de seus vizinhos, não só em situação de interação face-a-face.

O Cenário da configuração

- 12 Manaíra localiza-se na orla marítima de João Pessoa, área de alta especulação imobiliária e intensa verticalização. ² Até a metade do século passado, a localidade destinava-se predominantemente a veraneio das famílias ricas de João Pessoa e do interior do Estado, e a um pequeno contingente de populares e pescadores.
- 13 Com o processo de urbanização da cidade, sua malha urbana começa a se ampliar e o seu traçado vai se alterando. Se antes, o Centro da cidade era o lugar que congregava os maiores investimentos, concentrando, além do comércio e instituições oficiais, as residências das camadas mais importantes da sociedade, com as obras de infraestrutura, tal como a construção de artérias ligando o Centro ao antigo Distrito de Tambaú, aquele

vai perdendo prestígio como lugar de residência das grandes famílias. Ocorre em João Pessoa a mesma tendência verificada no resto do país: o movimento de valorização urbana dirige-se para a orla, o litoral. As políticas habitacionais implementadas pelo Governo Militar, muito contribuíram para isso. Fato bem reconhecido no caso de Manaíra, que em menos de 40 anos transformou-se em um dos mais nobres bairros da capital paraibana. De 1963 a 1978 deu-se uma grande expansão e redefinição da estrutura urbana na cidade, impulsionadas

pela intervenção de políticas federais, como a implantação do Distrito Industrial (pela SUDENE) e o crescimento do setor terciário; a ampliação do sistema viário, o crescimento da construção civil impulsionado pelo Banco Nacional de Habitação; intensificação da ocupação do solo urbano, com os loteamentos na região litorânea. (SEDES 2009: 41)

- 14 Na orla, onde antes existiam casas de veraneio, choupanas dos pescadores, muitos cajueiros e areia, vão se erguendo edifícios, inicialmente modestos, e que agora se tornaram sofisticados condomínios dos tipos mais variados possíveis. Hoje o bairro além de destinar-se à residência possui um excelente setor de comércio e serviço que lhe dá perfil diferenciado, se comparado por exemplo, aos vizinhos Tambaú e Cabo Branco, também situados na orla. São lojas, farmácias, escolas, universidades, academias de ginástica, supermercados, shopping centers, consultórios, clínicas especializadas, espaços públicos de lazer e sociabilidade, dentre os quais destaca-se a praia.
- 15 Diante da especulação imobiliária, os antigos residentes foram sendo empurrados cada vez mais para a margem oposta ao litoral. Acabaram esbarrando no sítio que hoje abriga o bairro São José ou suas adjacências, convertendo-se o Rio Jaguaribe o pretexto natural mais do que oportuno de separação. Como dissemos, o papel do governo foi crucial para o delineamento desta nova configuração socioespacial, a exemplo do Projeto CURA³, que serviu para supervalorizar os lotes, passando a excluir os antigos residentes que não mais tiveram condições de pagar os tributos ou adaptar-se aos novos padrões de urbanidade que começavam a se implementar. Tratava-se de uma proposta urbanística que “oferecia uma unidade à configuração espacial do novo bairro, pautada em um estilo de vida moderno e elitista, do qual o pobre, considerado ‘má vizinhança’, não fazia parte, sendo identificado como algo externo ao bairro” (TAVARES 2012: 69).
- 16 Manaíra possui cerca de 2,4 km² de área, dividida em 208 quadras, ocupadas por aproximadamente 19.289 habitantes predominantemente das classes média e alta, distribuídos em 5.131 domicílios. Quanto a seus limites, a leste defronta-se com o Oceano Atlântico (Praia de Manaíra), a oeste com o Bairro São José e Comunidade Chatuba,⁴ ao sul e ao norte com outros bairros nobres: Tambaú e Bessa, respectivamente.
- 17 No imaginário da cidade, Manaíra destaca-se por duas qualidades antagônicas: área muito nobre, porém de alta incidência de violência. Por ser privilegiado, torna-se muito visado. A estas duas, pode-se acrescentar uma terceira: ter como vizinho o bairro São José. Manaíra tem figurado nas estatísticas do CIOP (Centro Integrado de Operações Policiais da Polícia Militar da Paraíba) em segundo lugar na escala de ocorrências criminais em João Pessoa,⁵ perdendo apenas para o Centro e sendo seguido de perto por Mangabeira. Diante disso, facilmente se é levado a concluir que essa posição se deve, basicamente, à sua proximidade com o bairro São José, o que não deve ser aceito tão apressadamente. Conforme Tavares (2012), o tipo de crime que prevalece em Manaíra é o roubo a pessoas, seguido pelo furto de imóveis, o mesmo que se evidencia no Centro e em Mangabeira.

Para a autora, a explicação está no fato de que os três bairros (muito distintos socioeconomicamente) representam os principais redutos de comércio da cidade.

- 18 Devemos ainda mencionar que Manaíra não é um bloco homogêneo, apresenta suas diferenciações internas. Há áreas mais nobres, nas quais os imóveis são mais valorizados, e áreas menos nobres. Quanto mais próximo da orla (e mais distante do Bairro São José), mais nobre será, denotando maior distinção aos seus moradores e proprietários. Quanto mais próximo do Bairro São José, menos nobre será. Além disso, difusos pelo bairro, porém com maior concentração nas áreas fronteiriças, podemos encontrar alguns “bolsões”, onde residem antigos moradores da localidade, da época em que populares e pescadores ainda habitavam o bairro. Engrossando esses enclaves, encontram-se pequenas vilas de quartos e quitinetes construídas nos fundos dos lotes para alugueis mais baratos, procurados principalmente por estudantes e trabalhadores do setor terciário que trabalham em Manaíra ou bairros mais próximos.
- 19 O que hoje se denomina Bairro São José surgiu no final da década de 1960 em decorrência de vários fatores. Um deles já foi indicado, ou seja, a supervalorização da área da orla marítima (Manaíra, Tambaú e Cabo Branco) que acabou “expulsando” antigos moradores da área. Em 1968 algumas famílias começaram a invadir o vale do Rio Jaguaribe, localizado entre a encosta da falésia e a borda oeste do bairro Manaíra, terreno que pertencia a um particular. À época, o rio Jaguaribe ainda conservava sua mata ciliar, havia terreno propício para o cultivo de pequenas roças, com hortaliças, leguminosas e alguns cereais, além de se criar animais para consumo próprio ou para comercialização. Seguindo a trilha aberta pelos postes da rede de alta tensão, atraídas pela notícia da invasão, pessoas de vários bairros de João Pessoa e mesmo do interior do estado, começaram a ocupar a área, criando o assentamento espontâneo inicialmente denominado favela Beira-Rio. Até 1983, quando a favela passa a se denominar Bairro São José, os moradores foram ameaçados muitas vezes pelas autoridades, movidas pelos interesses do proprietário das terras em tê-las reintegradas. Finalmente, no Governo de Wilson Braga, houve a regularização dos lotes e a ameaça de reintegração foi descartada,⁶ embora outras permanecessem, como as periódicas inundações do rio Jaguaribe, os desabamentos das barreiras que chegaram a matar várias pessoas, e por último, os projetos que propõem a relocação do bairro para outra área da cidade. Como assentamento espontâneo foi se constituindo ao longo de uma faixa de terra que mede aproximadamente 2 km de comprimento, com largura que varia entre 30 e 300 metros. Estruturou-se carente de infraestrutura, equipamentos urbanos, planejamento etc. Seu traçado é irregular, permeado por vielas, becos, escadarias e cortiços que se espalham da principal rua, Edmundo Filho, em direção às barreiras ou margens do rio Jaguaribe. Abriga uma população de 7.923 habitantes, distribuídos em 2.063 domicílios, registrando um dos piores IDH da cidade (SEDES 2009).
- 20 Representa uma área de alta vulnerabilidade social incrustada, como bolsão, no meio da área nobre de João Pessoa. Podemos dizer que o bairro São José se assemelha ao tipo de [...] comunidades estigmatizadas, situadas na base do sistema hierárquico de regiões que compõem uma metrópole, nas quais os párias urbanos residem e onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo a atenção desigual e desmedidamente negativa da mídia, dos políticos e dos dirigentes do Estado” (WACQUANT 2005: 7).
- 21 A fronteira natural que separa os bairros é o rio Jaguaribe, um rio urbano que corta a cidade em vários bairros, hoje estreito, quase completamente assoreado e em avançado

estado de degradação. Simbolicamente, tornou-se um significante da fronteira: sujo, poluído, ameaçador em época de chuva. “Morar depois do rio” é uma expressão que situa posições e situações no espaço social – assinala pertencimento ou exclusão, diria Barth. Seus habitantes geralmente desempenham funções não qualificadas, muitos trabalhando em Manaíra, além de haver desempregados, diaristas, pedintes, ambulantes e estudantes, entre outros.⁷ Há muito os moradores têm reivindicado a construção de pontes, e, mais largas para ligar os dois bairros. Atualmente, existem apenas duas, uma distante da outra, feitas de metal, e que por serem muito estreitas permitem apenas a passagem de pedestres, bicicletas e motocicletas, impedindo assim o tráfego de automóveis e veículos de tração animal. Para estes, o acesso a Manaíra exige um grande contorno.

A convivência entre estabelecidos e *outsiders*

- 22 O modelo das configurações sociais apresentado por Elias e Scotson (2000) permite-nos tratar a desigualdade social dentro de relações de interdependência que unem e separam, de forma tensa, estabelecidos e “*outsiders*”. Tais arranjos configuram-se como relação de poder, que colocam em pauta a superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão.
- 23 Sobre o status de estabelecidos e *outsiders*, dizem os autores:
- [...] o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsiders* as características “ruins” de sua porção pior – de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “nômico” ou normativo – na minoria de seus “melhores” membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros: há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim” (ELIAS 2000: 22-3).
- 24 Segundo Neiburg (2000), os estabelecidos se percebem como uma boa sociedade, melhor e mais poderosa, construindo sua identidade social a partir de elementos de tradição, autoridade e influência: um modelo moral para os outros. Os *outsiders*, por outro lado, compõem um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os estabelecidos. Na verdade, é preciso relativizar essa afirmação de Neiburg em relação ao caso em estudo, pois não verificamos uma ligação intensa entre os moradores de Manaíra – a não ser numa esfera ideológica – pois como classe alta e média, tendem para estilos de vida mais individualizados. Pelo contrário, no Bairro São José há ainda vestígios fortes do sentimento de comunidade, o que provavelmente, no nível simbólico e intermental pode decorrer da própria situação de *outsider* que ocupa na configuração. Por outro lado, no nível social, o efeito de integração pode ter sido favorecido pela atuação das Associações de Moradores, muito presentes na trajetória do bairro.⁸
- 25 Entre os dois “grupos” estabelece-se uma barreira emocional, na qual o medo, a desconfiança e o preconceito prevalecem. E conforme Elias
- [...] mais do que qualquer outra coisa, talvez, essa barreira afetiva responde pela rigidez, amiúde extrema, da atitude dos grupos estabelecidos para com os grupos *outsiders* – pela perpetuação do tabu contra o contato mais estreito com os *outsiders*, geração após geração, mesmo que diminua sua superioridade social ou, em outras palavras, seu excedente de poder (2000: 25).
- 26 Nos encontros desiguais, o contato entre um estabelecido e um *outsider* é marcado pelo medo. Mesmo, que seja um medo abstrato, coloca em evidência a barreira emocional que

tem por finalidade evitar a contaminação anômica. Estes encontros, de alguma forma, são vividos como arriscados, pois a possibilidade de contato mais íntimo com os *outsiders* gera algum tipo de desconforto (ELIAS 2000: 26).

- 27 O interacionismo simbólico nos ensina que nenhum encontro entre pessoas se dá totalmente no vazio do desconhecido. Por outro lado, Lahire (2004) reforça a importância do contexto. Ele funciona como ativador e inibidor de disposições. Disposições para agir, pensar, sentir etc.⁹ Tratando Manaíra e São José como uma configuração, veremos que todos os atores se conhecem previamente, ainda que não tenham tido nenhum contato singular entre si. Quando no quadro de um encontro se sabe, ou se suspeita que um é de São José e outro de Manaíra, algumas disposições são ativadas e outras inibidas. Se uma senhora bate à porta de uma outra senhora em Manaíra em busca de emprego, o fato de aquela morar no São José, será motivo para que determinadas disposições se inibam e outras se atualizem, e no somatório dessas disputas internas do sujeito, a ação se desdobra como uma negativa, ainda que exista a vaga. É o que percebeu a moradora do São José entrevistada por Fernandes:

Nem todos que trabalham em Manaíra é daqui. Alguns, sim, mas só quando a pessoa faz amizade com eles lá. Porque tem pessoas daqui que chega lá precisando de emprego, tá parada, com filhos precisando de leite e fala trabalho, e as madames perguntam: mora onde? No São José. Ah, tem emprego não! E tendo vaga. É só dizer que mora aqui no bairro que não consegue trabalho (FERNANDES 2004: 110).

- 28 Fatos como este, levaram-nos às barreiras que separam os bairros, e aqui não estamos nos referindo ao Rio Jaguaribe e suas estreitas pontes. Embora não sejam intransponíveis, funcionam como “filtro portátil”¹⁰ que se mantém no contato, interações e interdependência. Estes encontros desiguais seguem uma dinâmica diferente da que se observa quando os moradores de Manaíra se encontram com outros moradores de Manaíra e os do São José com outros moradores do São José. Por exemplo, no interior do shopping Manaíra (localizado ao lado do Bairro São José) os frequentadores (na maioria pessoas das camadas mais elevadas) não se sentem ameaçados ou incomodados, pois pressupõem estar num contexto de estabelecidos – um tipo de enclave fortificado. Porém, se o contexto é o da rua, das praças, praia ou outros locais públicos, o medo se manifesta facilmente, porque a presença dos *outsiders* se torna iminente e não controlável.
- 29 Pudemos distinguir alguns tipos principais de encontros mistos ou desiguais (envolvendo pessoas dos dois grupos) no decorrer da pesquisa:
- 30 a) entre pessoas conhecidas e ligadas por relações profissionais, seguindo, portanto, determinados padrões de formalidade e discriminação;
- 31 b) encontros casuais entre desconhecidos, dando-se em locais públicos, espaços privados (quando alguém bate à porta demandando algo), espaços privados com função pública, igrejas, supermercados, shoppings etc.;
- 32 c) encontros violentos (assaltos, roubos, estupros, assassinatos etc.).
- 33 Além destes, listamos outros pela ausência: namoro, amizade, compadrio, casamento; o que, entretanto, não significa que não existam na configuração.
- 34 Excluindo-se o primeiro, os dois últimos são muito aparentados porque o encontro casual dado em espaços públicos é para a maioria dos entrevistados de Manaíra o prelúdio para o terceiro tipo.

- 35 No geral todos os tipos são tocados pela barreira emocional. Assim estar na presença do outro da configuração, desperta sentimento (ou disposições) de desconfiança, medo, vergonha ou mesmo nojo.
- 36 Destes, a desconfiança e o medo são mais facilmente destacáveis em relação aos moradores de Manaíra ao se defrontarem com os moradores de São José.¹¹ Já em relação a estes ao se defrontarem com os de Manaíra, tende a transparecer a vergonha, e em alguns casos, animosidade, o que, entretanto, não é uma regularidade.
- 37 Como se ativam a desconfiança e o medo? Aqui, tudo leva a crer que o argumento *pars pro toto*, mencionado por Elias e Scotson, desempenha um papel importante, embora não seja o único. Assim, as qualidades ruins de uma minoria que vive no Bairro São José são generalizadas e transferidas facilmente para todo aquele que se reconhece como morador do São José. Por meio desse recurso discursivo – que pensamos ir ao encontro do que Caldeira chama “discurso do medo” como estratégia para reconfigurar a segregação (2011: 9) – constrói-se uma imagem que tem como ponto de apoio uma minoria que vive em “desemprego quase perpétuo e recurso crônico à ajuda social, desorganização conjugal e anomia sexual, fracasso escolar e encarceramento, tráfico e consumo de drogas, delinquência de rua e criminalidade violenta” (WACQUANT 2005: 96). Se este lado se enaltece no discurso midiático e nas redes de informação local, a contrapartida, ou seja, a maioria dos moradores do São José que não se enquadra na categoria dos “desqualificados” é silenciada. Em relação à Manaíra, os efeitos de sentido ocorrem em direção contrária: silenciam-se os exemplos negativos e enaltecem-se os positivos. Registramos alguns casos em que certos moradores de Manaíra (de sua parte nobre), foram autores de atos criminosos, desde estelionato até assalto à mão armada.
- 38 A imagem do São José (negativa) e a imagem de Manaíra (positiva) encontram nos meios de comunicação um forte mecanismo de sua propagação. Analisando matérias midiáticas que se referem ao Bairro São José, percebemos que a maior parte delas se dedica a temas policiais: violência, roubos, assaltos, tráfico de drogas, assassinatos etc. E quase sempre mantendo ligação com o bairro Manaíra. Por exemplo:

Mais uma vez bandidos aterrorizam moradores do bairro de Manaíra

Durante a noite da sexta-feira (19) três bandidos armados agiram mais uma vez no bairro de Manaíra. Eles fizeram um verdadeiro arrastão aos veículos que passavam na rua Manoel Arruda Cavalcante, que fica na lateral do Manaíra Shopping.

A polícia informou também que os acusados são três adolescentes residentes do bairro São José, mas no local os moradores não forneceram nenhuma informação sobre o paradeiro do trio.

Em ex-morador da rua Manoel Arruda Cavalcante mandou um recado através do Fale Conosco contando como os assaltantes agem.

“ Todas as noites das 18h às 19h30 acontecem os roubos aos carros. Antigamente eles roubavam as pessoas que saíam do shopping que se dirigiam aos carros. Hoje estão parando os carros e roubando fortemente armados. Esta rua precisa de policiamento constante”.

Uma das vítimas do assalto também contou o que aconteceu através do Fale Conosco.

"Eu fui vítima desses ladrões, meu carro foi todo cercado por bandidos, uma cena de terror, nunca tinha visto aquilo antes, e o que esse ex-morador falou é verdade, fui assaltada por volta de 19hs, aquela rua é um perigo, nunca mais passo por lá, precisa de policiamento constante ali, pois fica em cima de uma favela."

Procuradora aposentada da PGE é assassinada a tiros em Manaíra

A procuradora aposentada da Procuradoria Geral do Estado da Paraíba, Maria Mérciles Guedes Feitosa, de 62 anos, foi assassinada no início da tarde desta terça-

feira (9) durante uma tentativa de assalto. Inicialmente, a polícia suspeita que se trate de um homem conhecido como China.¹²

Apesar de ser considerado um bairro de luxo, detentor da 3ª maior renda per capita de João Pessoa (R\$ 3.941,20), Manaíra sofre com a insegurança. Ele é localizado ao lado do bairro São José, que tem a pior renda per capita de João Pessoa (R\$ 463) e que tem altos índices de criminalidade. De acordo com Flávio Rogério, o projeto de urbanização do bairro São José está fazendo com que aumente a procura por imóveis em Manaíra.¹³

- 39 Para os moradores de Manaíra, a rua e os espaços públicos representam situações arriscadas. O medo alimenta-se pelos relatos de casos de roubo, furtos e estupros, e até assassinatos, conforme vimos nas matérias acima. Para eles, o “bandido” tende a ser representado como pessoas do sexo masculino, de preferência jovem, vestido e movimentando-se conforme uma hexis corporal específica que se reconhece como oriunda do São José. O medo se agrava se esta figura apresentar-se em grupo, deslocando-se em bicicletas. É lógico que este medo se tornou algo generalizado nas cidades, porém, no caso em estudo, ele extrai da configuração estabelecidos-*outsiders* suas feições e imagens.
- 40 Diante deste contexto, os moradores do São José, em muitas situações tendem a ocultar sua procedência. Por exemplo, um ritual de silenciamento ou camuflagem toma forma se alguém lhes pergunta o endereço. Diante da pergunta, alguns se valem de expressões indiretas: “moro próximo ao shopping”, “daqui a 5 minutos”; “moro em Manaíra”.
- 41 Em uma escola pública, juntamos um grupo de alunos para perguntarmos quais deles desejavam ser entrevistados. Indagamos, de início, o lugar onde cada um dos presentes morava. Uma jovem limitou-se a dizer: “eu moro há cinco minutos daqui”. Marcamos a entrevista com ela para o dia seguinte e então, durante a entrevista, ela nos disse morar no Bairro São José. Ainda assim, o seu modo de falar, denunciava certo desconforto ao revelar sua procedência.
- 42 Mesmo sendo cientes da discriminação e das barreiras que separam os dois bairros, os *outsiders* precisam frequentar o Bairro Manaíra em busca de equipamentos e serviços que seu bairro não oferece. Seus filhos frequentam escolas públicas em Manaíra e as principais reclamações contra eles, neste caso, foram registradas entre os vizinhos das escolas. Para estes, os alunos são “arruaceiros”, “marginais”, “causadores de problemas”. Sobem nas árvores, fumam maconha em plena rua, jogam pedra nos telhados, invadem as residências para tomar banho de piscina e destroem o patrimônio das próprias escolas em que estudam. No espaço das escolas, não houve muita repercussão quanto à questão dos encontros desiguais, pois como pudemos notar, apesar destas instituições se localizarem em Manaíra, atendem uma clientela que é predominantemente do São José e da Comunidade Chatuba. Há raros casos em que se registrou a presença de moradores de Manaíra, como os que relataram os diretores sobre crianças que chegaram à escola e que não se adaptaram porque, eram provenientes de escolas particulares: “há algum tempo – disse-nos o diretor – recebemos uma aluna que parecia uma modelo”. Era muito bonita e se vestia muito bem, o que denunciava sua procedência da parte nobre de Manaíra. Por causa disso, começou a sofrer *bullying* e teve que mudar de escola.
- 43 Também pudemos explorar um pouco a problemática na escola, a partir da separação entre os alunos que se reconheciam como moradores de São José e aqueles que se diziam moradores de Manaíra, mas que na verdade correspondiam à localidade Chatuba ou aos condomínios que foram construídos na área de fronteira em Manaíra para abrigar os

remanejados das áreas de risco do São José. Isso gerou algumas conversas: “Dizem que moram em Manaíra. Não é verdade. Moram na Chatuba.” Ou: “Como? Moram em Manaíra? Mentira. Só se for Manaíra II.” São discursos que acabam ratificando a importância simbólica que Manaíra assume frente ao São José e Chatuba.

- 44 A frequência de praças, praia, espaços de lazer e sociabilidade por moradores de São José também foi bastante constatada. Algumas praças são mais procuradas que outras, geralmente, as que ficam mais próxima do São José. Uma delas chega a apresentar elementos importantes para que seja considerada como um “pedaço” – Magnani (2000) – dos moradores do São José, sendo por isso, “evitada” por moradores de Manaíra. É verdade que há presença compartilhada, mas os moradores do Manaíra tendem a se separar, ocupando áreas diferentes da praça. Estes, disseram que o uso mais frequente que dela fazem, tem a finalidade de passear com seus cachorros. Em relação aos usos compartilhados, devemos destacar os contraexemplos: algumas situações em que moradores dos dois bairros praticavam esportes conjuntamente, ou um caso em que crianças pequenas dos dois bairros compartilhavam a mesma caixa de areia.

... quando a gente tá jogando bola ali chega uma galera que é daqui do Manaíra e a gente joga ali, brinca todo mundo, parece que é todo mundo do mesmo bairro. Não tem discriminação nenhuma. Parece que ali naquele momento todo mundo mora no mesmo canto. Não tem diferença. (Jovem morador do São José).

- 45 Mas sobre os contraexemplos, devemos apresentar as ressalvas. No primeiro caso, nenhuma relação de maior proximidade se estabelece entre os jogadores, nenhuma amizade. Terminado o jogo, cada qual retoma seu lugar de estabelecido ou de *outsider*.
- 46 No segundo caso, as crianças de Manaíra não estavam acompanhadas pelos pais, e sim pelas babás. Relatos não faltaram sobre casos em que os pais proibem a brincadeira com crianças do bairro São José.
- 47 Em relação aos espaços religiosos que, supostamente estariam mais susceptíveis a atenuação da barreira, também verificamos os mesmos mecanismos de separação e evitação observados em outros espaços, ainda que levemente atenuados pelo discurso religioso do respeito e igualdade entre os fiéis. Catalogamos no bairro de Manaíra, três igrejas neopentecostais, seis pentecostais (conforme classificação de Souza e Magalhães, 2002), uma comunidade católica (Igreja de São Pedro Pescador) e um centro espírita kardecista. Nelas, a maior presença de moradores do São José ocorre nas três igrejas neopentecostais e acreditamos que um dos motivos para isso seria a proximidade com o bairro, além da tendência que esta denominação apresenta universalmente de atrair pessoas de camadas populares.
- 48 Por falta de espaço para apresentarmos tudo que verificamos nos espaços religiosos, limitar-nos-emos aos dados que consideramos mais importantes. A presença de pessoas do São José na igreja católica é bem menor do que esperávamos. Segundo informações de algumas delas, antigamente a frequência era maior, a interação com visitas em ambos os sentidos era mais constante. Contudo, depois da construção de duas igrejas católicas no São José, esse fluxo diminuiu muito. Supostamente, alegaram alguns entrevistados, a construção dessas igrejas foi fruto de uma necessidade, não só pela distância geográfica, mas também social. Atentando-se para estrutura da Igreja São Pedro Pescador, percebe-se de onde vem e a que público se destina, pelo tamanho dos espaços, qualidade do material utilizado no acabamento, ocupando uma área considerável que liga uma rua a outra, localizada em área seminobre de Manaíra, com estacionamento etc. Deste conjunto, entretanto, o que mais se destaca é o sistema de segurança: circuito interno de televisão e

seguranças armados. Conversando com o pároco local, entrevista rápida e direta, este apresentou o discurso de que não há, na igreja, nenhuma discriminação contra os moradores do bairro São José e o uso de tal aparato de segurança é necessário como seria em qualquer outro lugar onde a violência predomina. As conversas com alguns fiéis, entretanto, tomaram outro rumo. Para estes, o que provoca a violência da qual os frequentadores de Manaíra são vítimas é a proximidade com o São José. Foi então que nos narraram o episódio em que uma senhora fora baleada numa tentativa de assalto quando chegava de carro para a missa do domingo. Os autores do crime eram jovens, moradores do São José. Este e outros eventos da mesma natureza, bastante recorrentes, levaram a igreja a se precaver contratando uma empresa particular de segurança.

- 49 Outro aspecto digno de nota refere-se ao que verificamos no Centro Kardecista. É o único existente em Manaíra. À primeira vista, nenhum morador do São José foi localizado. Este centro há algum tempo desenvolvia trabalhos de caridade no São José, porém no quadro de seus frequentadores, conforme disse uma de suas secretárias, nunca houve ninguém daquele bairro. O motivo se deve, segundo ela, à complexidade da religião que desenvolvem; ela pede dos adeptos certas capacidades intelectuais e reflexivas. Ou seja, os moradores do São José, diante da dificuldade de compreender a codificação kardecista e o valores que veicula, se afastariam do Centro. Se seguissemos esta lógica apresentada pela entrevistada, talvez ela utilizasse os mesmos argumentos para explicar o fato de, no bairro São José, não existir nenhum centro de espiritismo kardecista, mas possuir um terreiro de umbanda. Argumentos que reeditam as polêmicas travadas no campo religioso mediúnico brasileiro que opõe alto espiritismo a baixo espiritismo. Sabe-se que antes de se apostar em deficiências de capacidades intelectuais e reflexivas, deve-se considerar as separações de classe ou as fronteiras que se estabelecem entre estabelecidos e *outsiders*.
- 50 Outro elemento importante que deve ser mencionado nesta discussão sobre os encontros desiguais é o processo de remanejamento de alguns moradores do bairro São José para o bairro Manaíra, o que tem gerado insatisfação entre os moradores de Manaíra.
- 51 Na zona de fronteira foram construídas unidades habitacionais (edifícios com três pavimentos comportando apartamentos de 40m² e 48m²) com recursos da segunda etapa do Projeto de Aceleração do Crescimento (PAC II) e do Programa Minha Casa Minha Vida, do governo federal. Ainda outras unidades habitacionais estão para ser construídas. Quatro unidades habitacionais já foram entregues e algumas famílias que tinham suas casas na beira do rio foram relocadas para estes prédios.¹⁴
- 52 Para alguns moradores de Manaíra, a construção destes “condomínios de pobres” na área nobre era algo inaceitável. Muitos foram os argumentos contrários: “aumentaria a violência em Manaíra, pois agora os marginais não precisavam mais atravessar o rio para roubar, furtar, estuprar e assassinar”, “os imóveis caros de Manaíra seriam gravemente desvalorizados, pois o bairro estaria se favelizando”, “a prefeitura deveria ser processada, pois estava construindo os condomínios em espaço que deveria abrigar uma praça, tirando dos moradores de Manaíra o direito de usufruir dos impostos pagos”.
- 53 A atitude de uma entrevistada é bastante ilustrativa da reação contra a relocação. Ela moveu uma ação na justiça para embargar a construção dos condomínios:
- [...] movi essa ação por ser mãe, separada, tendo que cuidar de uma filha de quatro anos. Batalhei para conseguir uma casa dentro de um bairro nobre, e agora estão jogando um pessoal atrás da minha casa. São catadores de lixo, pessoas sem emprego, lavadeiras de roupa, pessoas que andam com aquelas carroças. Quem quer uma situação dessa? Ora, o prefeito deveria fazer um projeto direito com dignidade,

com escolas e creches [lá no São José]. Acho super errado, isso vai prejudicar tanto o pessoal de Manaíra quanto as crianças do São José que irão crescer vendo as pessoas em situações melhores que as suas condições econômicas podem oferecer, fazendo com que os ladrões coloquem as crianças para roubar no bairro Manaíra (Moradora do Manaíra).

- 54 Construtoras e imobiliárias que operam nas proximidades das áreas onde foram construídos os condomínios e onde serão construídos os que restam, também apresentam ressentimentos. Algumas delas viram diminuir bruscamente a procura por imóveis na região, o que as levou a adotar estratégias de marketing, como por exemplo, oferecer um ano de supermercado grátis para novos compradores. Outras estão com prédios concluídos há mais de 10 meses sem que nenhum apartamento tenha sido vendido.
- 55 Estes exemplos nos mostram que se os moradores do São José, quando moravam do outro lado do rio, já eram um incômodo para os de Manaíra, a situação se agrava quando passam a morar dentro do bairro, com respaldo da Prefeitura. Nos rebatimentos das falas dos moradores insatisfeitos, pudemos perceber que, com a intensificação da proximidade, os moradores do São José deixam de ser vistos simplesmente como *outsiders* para se transformar em “invasores”. Estes fatos nos levam a pensar no que diz Elias, pois tudo se passa como se estes moradores de Manaíra sentissem diminuir seu monopólio de poder:
- [...] a capacidade de estigmatizar diminui ou até se inverte, quando um grupo deixa de estar em condições de manter seu monopólio das principais fontes de poder existente numa sociedade e de excluir da participação nessas fontes outros grupos interdependentes – os antigos *outsiders*. Tão logo diminuem as disparidades de força ou, em outras palavras, a desigualdade do equilíbrio de poder, os antigos grupos *outsiders*, por sua vez, tendem a retaliar (2000: 24).
- 56 Não são todos os moradores de Manaíra que estão incomodados com a situação. Os que habitam as faixas mais próximas da orla não têm dado muita atenção à questão, afinal, estão mais afastados. Como dizem alguns, o fato de estarem eles (os *outsiders*) morando depois, ou uns cem metros antes do rio, não vai alterar em nada a estatística de violência no bairro. Neste caso, talvez o ideal é que o São José inteiro fosse remanejado para a zona sul, distante muitos quilômetros de Manaíra.

A questão das fronteiras

- 57 Nas relações que se estabelecem entre os moradores dos dois bairros, sem dúvida, a distinção encontra-se em primeiro plano. Tentamos demonstrá-la a partir do jogo analítico estabelecido entre duas categorias principais: “barreira emocional” e “encontros desiguais”. A primeira com teor analítico e a segunda advinda da observação. A distinção, como verificamos, não exclui o contato, algum tipo de dependência, troca de informações e outros processos sociais que extrapolam as fronteiras. Neste sentido, os contatos e trocas diversificadas entre os moradores dos bairros, alimentam os processos de exclusão e de pertencimento ao mesmo tempo, sem, contudo, eliminar de ambas as partes as marcas de distinção, isto é, sem que a “barreira emocional” se anule. Entre os grupos esboçam-se “relações sociais estáveis, persistentes e frequentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras, como também muitas vezes baseiam-se precisamente na existência de status étnicos dicotomizados” (BARTH 2000: 26).
- 58 Os encontros desiguais são fenômenos recorrentes, podem assumir formas diferentes a depender da motivação que apresentem, seja a evitação de um “contato misto”, no dizer de Goffman, entre uma pessoa “normal” e um deficiente físico, seja o soerguimento de

uma barreira emocional entre um “favelado” e um membro de classe alta. E todos podem ser vistos como uma configuração do tipo estabelecidos-outsiders, dizem Elias e Scotson.

- 59 Aqui apresentamos apenas um esboço do que estamos extraindo da realidade – a pesquisa está em andamento –, a exemplo deste fenômeno que chamamos de “barreira emocional”, seguido o vocábulo de Elias e Scotson. Algo que pode ser sentido, quase tocado, no contato entre os moradores, denunciada nos aparatos de segurança que protegem os prédios de Manaíra, nas notícias veiculadas pela mídia, nas redes de fofoca, nos usos compartilhados dos espaços de lazer e sociabilidade, nas escolas, nos espaços religiosos, enfim, em cada ponto cuja malha da configuração chega a abarcar.

BIBLIOGRAPHY

- BARTH, Fredrik. 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. 2007. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Vozes.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 2011. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Editora 34; Edusp.
- DOUGLAS, Mary. 2014. *Pureza e perigo*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva
- DUARTE, Juliana de Souza. 2014. *Ambiente construído e vitalidade urbana: avaliação de três praças do bairro Manaíra*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, UFPB.
- ELIAS, Nobert. 2000. “Introdução”. In: _____; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 19-50.
- ELIAS, Nobert. 1994. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- FERNANDES, Lucelena Muniz. 2004. *A segregação sócio-espacial em João Pessoa - PB: o caso do bairro São José*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFPB.
- FOOTE WHITE, W. 2005. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GOFFMAN, Erving. 1985. *A representação do eu na vida cotidiana*. 9 ed. Petrópolis: Vozes
- GOFFMAN, Erving. 1980. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GONÇALVES, A. Giovanni Boaes. 2010. *Sociologia dos encontros desiguais: sobre alteridade e violência nos bairros Manaíra e São José*. Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica. PRPG-UFPB. João Pessoa, [Mimeo].
- LAHIRE, Bernard. 2004. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.

- LASK, Tomke. 2000. "Apresentação". In: BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria. pp. 7 – 23.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2000. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J. G. C. e TORRE, L. L. (Orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP. pp. 12-53.
- MÁRQUEZ, Raul. 2014. "Limites e ambiguidades num bairro de Salvador". *Revista de Antropologia* v. 57, nº 2: 47 – 72.
- NEIBURG, Frederico. 2000. "Apresentação à edição brasileira". In: ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 7 – 11.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. 2008. "Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano". *Revista VeraCidade* n.3:1-21. Disponível em <<http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/pdf/artigo9.pdf>>. Acesso em 11 de abril de 2010.
- SANTOS, Ednilza Barbosa dos. 2002. *Os pequenos centro comerciais e a (re)organização do espaço urbano: o caso do bairro Manaíra em João Pessoa – PB*. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFPE.
- SEDES. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social/Prefeitura Municipal de João Pessoa. 2009. *Topografia Social de João Pessoa*. João Pessoa: Cedest/IEE/PUCSP. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2012/04/TOPOGRAFIA-SOCIAL-DE-JOAO-PESSOA_2009.pdf>. Acesso em 21 de fevereiro de 2014.
- SOUZA, E. C. B. de; MAGALHÃES, M. D. B. de. 2002. "Os Pentecostais: entre a fé e a política". *Revista Brasileira de História* v. 22, n. 43: 85-100.
- TAVARES, Lia. 2012. *Arquitetura da (in)segurança: estudando relações entre configuração espacial, artifícios de segurança e violência urbana no bairro Manaíra, João Pessoa, Paraíba*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, UFRN.
- WACQUANT, Löic. 2005. *Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan.

NOTES

1. Título do projeto: Sociologia dos Encontros Desiguais: alteridade e violência nos bairros Manaíra e São José.
2. Considerada localidade onde o metro quadrado é um dos mais caros de João Pessoa. Informação disponível em: < <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/04/manaira-tem-o-m-residencial-mais-carro-de-joao-pessoa-diz-pesquisa.html> >. Acesso em 21 de fevereiro de 2014.
3. Comunidades Urbanas de Recuperação Acelerada. Projeto do Governo Federal com o propósito de criar melhorias de infraestrutura urbana. Patrocinado pelo Banco Nacional de Habitação e implementado a partir de 1977 (SANTOS, 2002, p. 85).
4. Considerando-se que oficialmente a fronteira entre os bairros São José e Manaíra é o rio Jaguaribe, a comunidade Chatuba refere-se à área que se localiza imediatamente à margem direita desse rio, ou seja, contígua à Manaíra. Em nada se diferenciando, quanto aos padrões socioeconômicos e habitacionais, dos moradores do São José, do ponto de vista da "identificação",

contudo, os moradores de Chatuba tendem a negar aproximação com o São José, reivindicando identidade própria.

5. Dados referentes aos anos de 2008 e 2009 (TAVARES 2012).

6. Para maiores informações sobre o processo de formação do bairro, consultar Fernandes, 2004.

7. Assim como em Manaíra, no São José há diferenciações internas. Há pessoas que possuem melhores condições socioeconômicas que outras: funcionários públicos, pequenos empresários, estudantes universitários, profissionais com nível superior etc. O padrão das moradias é um indicador dessa diferenciação.

8. Existiram duas Associações de Moradores no Bairro. A primeira chamou-se Associação de Moradores União Beira-Rio fundada em 1980. Devido a interesses e conflitos políticos incentivados pela política assistencialista e eleitoreira do Governo do Estado da época, protagonizados pela primeira-dama do Estado (Lúcia Braga), foi criada a Associação Comunitária do Bairro São José. Essas duas associações permaneceram atuando paralelamente até 2000, quando foram unificadas passando a se denominar Associação Unificada do Bairro São José (FERANANDES 2004).

9. Bernard Lahire desenvolve abordagem sociológica disposicionalista e contextualista que procura compreender a ação dos sujeitos a partir de uma escala sociológica individual. Nela, o conceito de disposições e contextos assumem papel central.

10.

Nos faz lembrar o pensamento de Barth:
 “Isso significa que a fronteira étnica - em sua acepção mais extensa - na verdade é livre dos constrangimentos territoriais, é algo "portátil". Basta encontrar com uma pessoa de outra cultura, mesmo em seu próprio país, para que a fronteira étnica como estandarte da alteridade e da separação indissolúvel seja suscitada” (BARTH 2000: 21).

11.

Ressaltamos que a sensação de medo da violência, assim como a desconfiança, são fenômenos que permeiam a vida urbana de modo geral. No caso em estudo, porém, essas variáveis se potencializam pelo Bairro São José como elemento da configuração. Também não devemos achar que o medo e a desconfiança não se desenvolvam na relação entre moradores do São José entre si, da mesma forma entre os de Manaíra.

12.

<http://www.paraiba1.com.br/Noticia/>. Capturado dia 20 de março de 2010. Quanto ao desdobramento do assassinato da procuradora, a polícia fez várias buscas no bairro São José prendendo vários suspeitos.

13.

<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/04/manaira-tem-o-m-residencial-mais-carro-de-joao-pessoa-diz-pesquisa.html> >. Acesso em 21 de fevereiro de 2014

14.

Informação disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/defesa-civil-minimiza-riscos-para-a-populacao-do-bairro-sao-jose/>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2014.

ABSTRACTS

Discutimos desigualdade social a partir de um recorte configuracional. Focalizamos a convivência entre moradores de dois bairros de João Pessoa, capital da Paraíba, contíguos geograficamente,

porém, afastados socialmente: Manaíra, bairro considerado área nobre, habitado predominantemente por classes médias e altas; São José, por segmentos das camadas populares. Partimos da hipótese de que as relações entre os moradores dos bairros se caracterizam por uma tensão permanente, ora manifesta, ora latente, que pode ser descrita como relação do tipo estabelecidos-outsiders (ELIAS e SCOTSON 2000). Em sentido convergente, referimo-nos também aos encontros assimétricos (mistos) mencionados por Goffman (1985). Este artigo, portanto, debruça-se sobre a convivência entre os moradores dos dois bairros, procurando descrever o que chamamos “encontros desiguais” como momento de interação face-a-face dada entre os atores, sublinhando as representações e simbolismos que sustentam os sentimentos presentes na relação. Referimo-nos a barreira emocional como elemento importante da configuração e das fronteiras.

In the following article we discuss social inequality on the basis of a selected topic. We bring into focus the relationship between the residents of two districts of the city of João Pessoa, capital of Paraíba, which are located geographically contiguous, but socially far away from each other: Manaíra, a district well-respected as an noble area, where predominantly persons of the middle and upper classes live; São José, where predominantly persons of the lower classes exist. We begin with the hypothesis that the relationship between the residents of these districts is characterized by a permanent tension, either obvious or latent, which we would describe as a relationship between insiders and outsiders. In the convergent sense we present the asymmetrical conjunctions that Goffman (1985) talked about. Finally, this article treats of the relationship between the residents of two districts and tries to describe the “unequal meeting” like a moment of live interaction between the actors, underlining the representation and symbolism that support the present feelings in the relationship. We refer us to the emotional barrier as important element of the configuration and frontiers.

INDEX

Keywords: unequal meetings, insiders, outsiders, Manaíra, São José

Palavras-chave: encontros desiguais, estabelecidos

AUTHORS

ANTONIO GIOVANNI BOAES GONÇALVES

Doutor em Sociologia, professor do Departamento de Ciências Sociais/UFPB.

giboaes@gmail.com

KIUNE BEZERRA RIBEIRO

Aluna do Curso de Ciências Sociais da UFPB.

kiuneribeiro@gmail.com

LUCAS DE LIMA CAVALCANTI GONÇALVES

Aluno do Curso de Filosofia da UFPB.

lucaslcg123@outlook.com

ROGÉRIO GALDINO TRINDADE

Aluno do Curso de Filosofia da UFPB.

rogeriogtrindade@hotmail.com